Lula, já

» CRISTOVAM BUARQUE
Professor emérito da UnB e membro da Comissão Internacional da Unesco para o Futuro da Educação



O eleitor não é chamado para construir o presidente que deseja, mas para escolher entre os candidatos que lhe são oferecidos. Entre os atuais, Lula tem mais condições que os outros para dar coesão e rumo ao Brasil. É capaz de reunir e dialogar com patrões e trabalhadores, ambientalistas e agronegócio, analfabetos e universitários. Tem condições de formular um rumo para o conjunto do país e para atender aos interesses de cada grupo, convencendo-os dos limites de recursos fiscais, ecológicos e políticos.

Lula tem biografia de líder aglutinador, de que o país sempre precisou e precisa ainda mais agora. Seus oito anos de presidência foi um período de respeito e solução de conflitos. Vinte anos depois, demonstra ainda mais nitidamente essa vontade, ao escolher Geraldo Alckmin como seu vice-presidente. Com José Alencar, ele demonstrou vontade de aglutinar com empresários, agora, demonstra também com as forças políticas.

Durante a semana, Lula reuniu ex-candidatos a presidente que disputaram com ele no passado por partidos diferentes, com visões e biografias diferentes, unidos agora em busca de quebrar divisões e construir uma frente para elegê-lo, outra vez. Foi capaz de aglutiná-los na campanha e já provou que é capaz de aglutiná-los no governo, como fez quando presidente: defendeu os interesses dos mais pobres, dando prioridade a investimentos no social, sem sair dos limites dos recursos fiscais. Quando necessário, consegue convencer os líderes, sindicais e dos pobres, para a necessidade de esperar antes de ter as reivindicações atendidas, também de convencer a parcela rica a abrir mão de privilégios para construirmos um Brasil justo, eficiente e sustentável.

Percebe que o tempo exige atender às necessidades sociais com responsabilidade fiscal e ecológica. Seu governo foi comprometido com o social, responsável com a economia e deu elevado prestígio internacional ao país. Vinte anos depois, ele tem explicitado, em debates, que o governo e o governante precisam passar credibilidade, previsibilidade e estabilidade, além de compromisso com a solução de cada problema que o país enfrenta. Isso exige sensibilidade aliada à responsabilidade. Lula fez um governo com rumo: responsabilidade econômica, compromisso social e presença internacional. Tudo indica que pode repetir isso com mais experiência e cuidados para evitar erros e desvios das equipes.

Na semana passada, o Brasil ingressou em seu terceiro século, com economia potente, mas estagnada; com território integrado, mas a sociedade brutalmente dividida; com décadas de democracia, mas instituições frágeis e política sem credibilidade; o Estado organizado, mas esgotado fiscal, gerencial e moralmente; a educação degradada; a desigualdade crescente; a ciência e a tecnologia ameaçadas; o prestígio internacional no ponto mais baixo desde os tempos de escravidão.

As primeiras décadas deste novo século exigem missões mais difíceis do que o desenvolvimento, a construção da infraestrutura, o desbravamento do Centro-Oeste realizados na segunda metade do século 20. Exige superar o quadro de pobreza, aumentar a produtividade, construir um sistema educacional com qualidade para todos, quebrar o burocratismo, a ineficiência e a corrupção do Estado; comprometer cada corporação com os interesses da nação. Tudo isso passa pela visão e liderança do presidente. Entre os candidatos que temos, em 2022, Lula é o único com experiência para fazer essa condução. Portanto, para dar os primeiros passos no nosso novo século, o Brasil precisa eleger Lula e não deve esperar para o segundo turno, porque tudo indica que é melhor evitar as arriscadas quatro semanas entre o primeiro e o segundo turno.

O atual presidente, que busca reeleição, repete que só respeitará o resultado das urnas se estiver pessoalmente convencido que não houve uma fraude, que ninguém imagina. Tudo indica que já está convencido que não vencerá e preparado para declarar que venceu, usando algum mecanismo golpista para se perpetuar no poder, como tentou Donald Trump, nos Estados Unidos.

Tudo indica que Lula é o único que tem chance de barrar esse risco. Não há razão para preferir adiar a vitória da democracia para o dia 30, se ela pode vir no dia 2, sem os riscos das imponderáveis quatro semanas entre os dois turnos. Por isso, o Brasil precisa de Lula, já.

A destruição que podemos evitar

» AUGUSTO HELENO
Chefe do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República

A eleição presidencial de 2022 traz, fatalmente, a marca de uma lamentável mudança: Luiz Inácio Lula da Silva, condenado em três instâncias pela Justiça Federal, graças a uma surpreendente decisão do Supremo Tribunal Federal, foi solto e voltou ao cenário político nacional como candidato à Presidência da República. Inacreditavelmente, por caminhos pouco inteligíveis por seres normais, perdemos a grande oportunidade de afastá-lo, definitivamente, da vida política nacional e de mantê-lo no ostracismo, dando um basta em quem tanto mal fez ao Brasil.

Ele se apresenta como patriota, incorruptível, um cidadão acima de qualquer suspeita ética e moral, vitimizado e injustiçado. Subestima, com incrível desfaçatez, a memória e a inteligência do povo brasileiro. Alguns chegam a negar suas condenações na Justiça. É hora de deixar bem claro que a prescrição e a mudança de sede processual não significam absolvição e inocência em pretéritos processos judiciais. Longe disso! Luiz Inácio Lula da Silva e o PT enfrentarão o juízo popular.

Sugiro que os 156 milhões de eleitores resgatem os malfeitos de Lula, de Dilma Roussef e de seus "colegas" de governo que, ao longo de 13 anos, foram as estrelas do mensalão, do petrolão, das pedaladas fiscais, da recessão, da falência de estatais e fundos de pensão e de empréstimos, a fundo perdido, para terroristas e ditaduras de esquerda.

O PT sempre tentou desestabilizar e inviabilizar os governos vigentes, por meio de ações, discursos e narrativas que desprezaram os interesses nacionais e o povo brasileiro, em benefício próprio, apostando no lema negativista quanto pior, melhor e na tese divisionista do nós contra eles.

Poderemos eliminar, pelo voto, o vício da corrupção sistêmica, do desemprego que nos foi legado, da má gestão e de invasões a propriedades privadas. Se voltarem ao poder, defenderão a ideologia de gênero, o aborto e a legalização das drogas. Precisamos evitar o aparelhamento do Estado pelos "cumpanheiros" e impedir que Lula leve adiante sua pretensa e inaceitável credencial de salvador da pátria. Não foi, não é e nunca será. Chegou a hora de difundirmos, incessantemente, que seu retorno e de seus aliados ao Palácio do Planalto e à Esplanada dos Ministérios é retrocesso, desalento e desesperança para nossa democracia, um verdadeiro desastre para o país.

Suas recentes declarações, entre outras, de apoio à ditadura da Nicarágua e ao regime venezuelano, sobre a política de preços de combustíveis da Petrobras, a favor do controle da mídia e da reversão da reforma trabalhista o desqualificam para o cargo de principal mandatário do Brasil. Cabe-lhe, ainda, a blasfêmia de que o presidente da República não sofreu tentativa de assassinato em setembro de 2018. Esse é o seu nível. Daí para muito pior, não tenham dúvidas e não se iludam.

É chegado o tempo de bloquear, de forma irreversível, a intenção, maléfica e partidária, de figuras conhecidas da esquerda caviar, lideradas por José Dirceu, de ideologizar o currículo das escolas militares e de politizar as promoções de oficiais-generais. Desconhecem, intencionalmente, que ao longo da história, as Forças Armadas contaram, sempre, com elevados índices de credibilidade perante a sociedade brasileira.

Não há como a nação sobreviver a mais uma gestão petista, sob a égide de um condenado, que trará, por certo, consequências negativas e irreversíveis para todos nós. Seremos guiados às trevas, à insolvência e à desilusão.

Sem dúvida, estamos diante de um momento histórico, sensível, decisivo e os eleitores, por patriotismo, devem, sim, lhe negar mais um mandato de presidente da República. Não devemos, em defesa das gerações vindouras, permitir que voltem à cena dos crimes, personagens conhecidos e figuras carimbadas. Ao votar pelo Brasil, em eleições limpas, transparentes e pacíficas, garantiremos um futuro próspero e promissor para a nossa pátria. Brasil acima de tudo.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // *circecunha.df@dabr.com.br*

Soberania pela posse efetiva

Na realidade, o mundo tem os olhos postos muito mais sobre a região da Amazônia brasileira do que, propriamente, sobre os brasileiros. Interessam aos estrangeiros os destinos da Amazônia, como floresta tropical, que abriga a maior a biodiversidade do planeta. Nesse conjunto de interesses, há também um olhar, um tanto exótico e romântico, sobre os povos indígenas da região, descartando tudo mais que possa existir naquela parte do Brasil. Com isso, os estrangeiros que vêm a turismo para essa região ficam surpreendidos ao encontrar ali metrópoles imensas, com tudo que há em cidades de grande porte, sobretudo milhões de não indígenas que ali vivem, em meio às turbulências de uma grande área urbana.

Fosse a Amazônia apenas uma grande e inexplorada floresta, sem a presença de outros brasileiros que ali nasceram, por certo, essa região tão rica e variada estaria nas mãos desses novíssimos defensores da natureza, descartando essa parte do país do restante e impondo sobre ela uma soberania estrangeira de fato, com regras próprias, e exigindo passaporte aos cidadãos brasileiros que desejassem visitar esse santuário natural.

O que tem impedido o avanço dessas forças alienígenas sobre essa área é justamente a presença in loco de milhões de brasileiros, que ali vivem com suas famílias a várias gerações. O que temos nessa questão de soberania sobre a Amazônia é dada pela população urbana que lá está e não pela presença de autóctones, erroneamente chamados de indígenas. A defesa dessa imensa porção de terras é feita por brasileiros, fardados ou não, e que ali estão em nome do restante da população.

Temos muito que investir nessa parte do Brasil, levando o progresso que se vê no Sul e Sudeste para a região. De acordo com um dos últimos dados do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M), elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), os estados da Região Amazônica têm os mais baixos níveis de qualidade de vida de todo o país.

A questão é curiosa já que se trata de uma região onde estão concentradas as maiores fontes de recursos naturais de todo o Brasil. Recursos abundantes como água, minérios diversos, madeira, produtos extrativos, ouro, nióbio, terras raras e diversos outros bens naturais de grande valor comercial em nada têm contribuído para fazer das populações locais, cidadãos com uma razoável qualidade de vida. Pelo contrário: quanto mais essas regiões são exploradas e exauridas de seus bens, mais a população se vê na condição de pobreza e de esquecimento.

A questão central que pode explicar, em parte, essa contradição na qual brasileiros em situação de miséria caminham sobre as maiores riquezas naturais do país, pode ser entendida muito além do chamado determinismo geográfico, que coloca populações em regiões distantes do poder central, às margens do desenvolvimento. É fato que por séculos a Região Amazônica vem sendo deixada de lado por todos os governos, não apenas da esfera federal, mas inclusive pela maioria dos próprios governos locais.

Segundo o Fundo das Nações Unidas pra a Infância (Unicef) a Região Amazônica, onde vivem cerca de 9 milhões de crianças, é um dos piores lugares de todo o continente para a infância. Mato Grosso, Tocantins, Maranhão, Roraima, Rondônia, Amazonas, Pará, Amapá e Acre, estados que forma a grande Amazônia Legal, possuem praticamente os mesmos índices de desenvolvimento humano, carecendo de moradias, sistema de educação e saúde regular, saneamento, atendimento adequado aos direitos das crianças. Nessas regiões a existência do trabalho infantil é uma constante em grande parte dos municípios. Esses brasileiros do Norte, deixados à própria sorte por séculos, sabem que agora o mundo todo está de olho da Amazônia, não exatamente em sua população, que continua explorada por nacionais e estrangeiros, mas em suas abundantes riquezas.

» A frase que foi pronunciada

"Somos todos fantoches, Laurie. Eu sou apenas um fantoche que pode ver as cordas."

Alan Moura

Comércio exterior

» Robson Braga de Andrade, presidente da CNI, está animado com a participação na Missão Comercial SIAL Paris 2022, feira onde alimentos e bebidas brasileiras serão apresentados ao mundo. Em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), a expectativa é que o evento possa render mais de R$ 200 milhões em exportações em um ano. O evento acontece de 14 a 19 de outubro.

Consignado absurdo

» Veja a imagem no *Blog do Ari Cunha*. Tão logo o processo de aposentadoria esteja marcado no INSS, misteriosamente o idoso recebe mensagem do número 62 (821) 82571720 dando os parabéns e mostrando o montante disponível para a linha de crédito "mais barata do Brasil". Invasão de privacidade. O número disponível é o 08000001710 e o WhatsApp *https://bit.ly/3BriAdt*

Até quando?

» Água Mineral e teatros de Brasília. Lugares de deleite estão constantemente ameaçados. Ou pela privatização, ou por reformas eternas. A capital do Brasil não ter seu teatro disponível por mais de 5 anos, é impensável. Nem as viagens internacionais convenceram nossos governantes sobre a importância do lazer e cultura para uma nação.

» História de Brasília

A iluminação é a única diferente de Brasília. Em toda a cidade os postes são lindos, e as luminárias, importadas. No "avião", são pequenas lâmpadas presas aos postes que lembram Caucaia. (**Publicada em 10/3/1962***)*